

HISTÓRIA DE VIDA Nº 04 – MARCELO

Eu sou Marcelo (nome de artista na época); quem escolheu foi meu pai. Ele me deu esse nome com o nome dele Marcelo Moreira; pra mim, isso foi importante pra minha vida, porque eu podia não ter tido esse nome e não ter tido a chance de ter essa família, de ser quem eu sou hoje porque meu pai me arrumou fora do casamento, e eu não conheci minha mãe de verdade; fui criado por minha mãe-madrasta. Eu nasci na roça, na Fazenda Gitirana, fui criado lá na roça. Estudei lá também. Meu pai me arrumou fora do casamento, e eu fui criado e moro com minha mãe-madrasta. Tenho duas irmãs só por parte de pai; elas mora em Feira de Santana Hoje eu convivo só com minha mãe adotiva, só que eu considero como mãe, que meu pai morreu tem três anos. Eu não conheci minha mãe não. Eu sempre morei na roça, minha vida toda. Hoje eu tenho dezoito anos e sempre morei lá.

Eu nasci e me criei na roça, a infância foi sempre na roça. Eu gostava de beber leite de cabra, comia cambreche, um leite tirado do peito da vaca, cru com farinha. Eu brincava sozinho, não tinha irmão. Eu tenho irmã, mas não morava lá. Eu brincava de curral, curralzinho com licuri, búzios, montava em cavalo. Tinha vizinho, mas eu não saía. Fazia muita travessura também. Vinha pra feira; meu pai me trazia sempre. Eu lembro que uma vez pai mandou pegar um cavalo; cheguei lá, e o cavalo tava enganchado; eu fui tirar o pé para desenganchar... e levei um coice! Abriu minha cara e caí desmaiado... quase morro.

Minha infância na roça foi maravilhosa, brinquei de muitas coisas: brinquei com cavalo, com boi, com bezerro. Quando eu era pequeno, eu era muito danado. Eu lembro que, quando eu fui pra escola, um dia eu botei um sapo dentro do filtro e depois descobriro. Quando eu era pequeno, eu trabalhava na roça muito pouco, que meu pai não deixava eu trabalhar não. Eu prendia os bezerro, ajudava a tirar o leite, desde os seis anos. Com dez anos, eu já tomava conta de um curral sozinho. Eu plantava também, plantei muito com meu pai: feijão, milho, mandioca; colhia também, ia pra casa de farinha. Acordava cedinho, sempre acordei cinco horas da manhã e dormia sete horas da noite, trabalhava até o sol ir embora.

Minha primeira escola foi lá pertinho mesmo de casa: eu comecei com seis anos. Ia de jegue todo dia. Lá tinha livro; a professora fazia as letra com tracinho e botava pra gente cobrir os nome, os número. Minha primeira professora foi Célia. Minha primeira série foi no Alto do Coqueiro, lugar onde eu nasci mesmo. Eu continuava indo de jegue até a quarta série. No

recreio, tinha merenda lá, e a gente brincava de bandeirinha, esconde-esconde, bola. ERA LEGAL! Eu nunca repeti de ano, a escola como eu era pequeno eu não lembro muito não, mas eu acho que foi boa. Eu comecei a estudar numa escola onde era tudo misturado. Eu lembro que lá era tudo misturado: primeira, segunda, terceira, quarta..., tudo misturado. Era uma mistura mesmo: grande com pequeno, gente que já tava lendo com gente do ABC ainda. Eu saía no início sem saber direito quem eu era, que série eu tava, com tanta mistura, quando alguém perguntava em que série eu tava eu dizia que tava fazendo uma lá da roça, uma mistura. ((risos)). Eu sempre lembro disso porque eu estudei assim desde o começo até sair da roça. Eu estudava pertinho mesmo de casa, eu comecei com seis anos; ia de jegue todo dia.

Eu nunca repeti de ano: eu não podia repetir senão demorava mais tempo naquela escola ali da roça, e eu tinha vontade de ir pra escola da cidade, então tinha que passar de ano. Tinha outra coisa que eu lembro muito do primário na roça, que foi os castigo; a professora colocava todo dia de castigo, botava milho pra eu ficar de joelho em cima, me batia com régua de madeira, era de lei isso. Eu já ia pra escola sabendo que ia ter castigo. Como eu era pequeno eu não lembro muita coisa da escola da roça não, mas eu acho que foi boa, só tinha de ruim mesmo os castigo e porque era atrasada, misturava série, os grande com pequeno, era escola de matuto mesmo. ((risos))

Minha quinta série, eu saí da roça, do Alto do Coqueiro, e fui estudar em Feira de Santana. Senti muita dificuldade porque o ensino lá é mais evoluído; cidade grande, tudo é diferente. Além disso, quando eu cheguei em Feira, no começo eles tinha preconceito porque eu falava errado. Teve um dia que as menina tava cochichando, me riliando e eu falei assim: “Tão falando deu aí, é?” e caí na risada, e eu fiquei triste, com vergonha; aí logo, logo eu aprendi a falar. E falava das minha roupa também, chamava minha calça de “enforca-gato”, porque era apertadinha a boca, porque na época era já folgada como eu uso hoje. Meu estilo antigamente era outro... de tabaréu mesmo.

Eu tenho esse estilo, cabelo empinadinho; vem lá de Feira. Antes, meu jeito era outra: eu só andava de bota, calça enforca-gato, camisa manga na mão. Mas quando eu cheguei em Feira, eu me evoluí logo; eu vi logo todo mundo vestido de outra maneira. Eu me evolui, comecei outro estilo de vida, fui mudando. Primeira coisa que eu mudei foi o cabelo, que era pra baixo, era lisinho, meti logo um beque ((corte de cabelo)). Aí agora, quando eu fui comprar roupa, eu mudei tudo. Dei logo fim em toda enforca-gato, dei fim em tudo. Cheguei em

Serrolândia arrasando, com outro estilo. Todo mundo pagou ((achou bonito)). As bota, hoje eu só uso quando vou trabalhar com gado, na roça, mas pra sair não saio não. As enforcagato não serve mais nem pra eu trabalhar na roça. É feio demais! Eu hoje uso lápis na olho, essa evolução veio agora, não tem nada a ver com Feira. É MODERNO!!! Apesar de ter mudado minha forma de vestir em Feira, de falar, usar tudo evoluído, usar internet, mas minha personalidade e a maneira de ser que aprendi com meu pai continua a mesma.

Depois de Feira, eu aprendi a me vestir, uso lápis no olho, fico todo moderno e, como minha irmã mora lá, eu tô sempre lá me atualizando. Estudei lá dois anos, quinta e sexta, e depois eu vim pra cá pra Serrolândia. Em Feira, eu morei com minha irmã – tinha uns quatorze anos e trabalhava na fábrica de bolsa, manejando uma máquina de cortar cinto. Eu rodava tudo em Feira; por isso, que eu cheguei aqui muito evoluído. Eu fui estudar em Feira, porque meu pai queria um ensino melhor pra mim e depois eu tive que voltar porque eu não me adaptei muito lá. Tive dificuldade mais no trabalho, porque eu tava trabalhando numa fábrica e sair e também eu queria voltar pra ajudar meu pai na roça que ele tava no fim da idade.

Meu pai estudou dois meses. No tempo que ele estudou, você aprendia a ler e escrever e fazer conta e já tava formado. Ele, com dois meses, se formou na escola. O professor pegou e falou: “Você não tem mais nada a aprender”. Você ia pra escola quando aprendesse a ler, escrever e fazer conta já tava formado, não as formatura de hoje, mas não tinha mais nada pra aprender e o professor mandava embora. Ele, com dois meses, o professor mandou ele embora, era estudo lá da roça. Ele morreu com 76 anos de idade e eu aprendi muita coisa com ele ((pai)) na roça até cubar a terra e fazer conta de cabeça.

A sétima série eu fui fazer em Serrolândia, no COMAGS, foi muito diferente, porque o ensino é péssimo. Lá em Feira é muito evoluído pelo modo das professora ensinar, tem mais capacidade; logo a universidade é pertinho, só entra professor. Eu fiz sétima e oitava no colégio municipal; primeiro ano, já vim pro Colégio Estadual, depois entrei no EJA primeiro e segundo, porque eu desisti um ano. Aí, quando eu cheguei no terceiro, eu aposentei, tem cinco anos no terceiro, agora é porque eu desisto, eu saio pra trabalhar, nunca perdi, tem histórias também com as meninas. Quando eu comecei a estudar, eu ia pro municipal de pau-de-arara, inclusive o carro atropelou uma mulher e matou, logo no primeiro ano que eu estudei. Todo mundo ficou com medo por isso, todo mundo queria desistir. Todo mundo viu, inclusive eu desci com o motorista, nós foi perto, de noite. O carro passou uma semana sem

vim pra escola porque o motorista teve que correr e ficou sem carro uma semana, aí depois na outra semana veio outro pau-de-arara com a lona coberta por cima. A maior dificuldade pra gente que mora na roça pra estudar na rua ((cidade)) é o carro não vim, chegar no meio do caminho cabar o bujão, também a prefeitura não pagar, e o carro não vem; acontece que é até um dia de prova e o carro pega e não vem, a gente não tem nem como explicar no colégio que ninguém entende.

Eu não acho que tem diferença do pessoal que vem da roça e o da rua ((cidade)) não. Antigamente era, agora hoje não, tá todo mundo igual. Evoluiu demais a roça. Tem uns tapados lá na roça que ainda usa o enforca-gato, mas são pouco. E a fala, às vezes, eu tô assim conversando coisas lá com outros e falo errado porque a gente pega o costume do pessoal da roça, e a gente esquece, mas se eu tiver conversando fora não. Na sala de aula, eu converso muito, mas têm muitos da roça que fica calado, em silêncio, porque é tudo tapado. Ser tapado é ser tabaréu; alguns da roça são tabaréu, tem medo de falar, de se expressar, matuto mesmo.

Na roça, a professora era muito inteligente; eu dei sorte, que foi muito bom! Ela tinha muita paciência pra ensinar a gente; eu acho que não tinha muita diferença daqui de Serrolândia não, só de Feira. Eu tive dificuldade de me acostumar em Feira só no começo; depois fui levando, aprendi a falar normal na escola. Lá tinha preconceito dos colegas, dos professores não. Sem a escola, eu não sou nada, porque hoje eu não me sinto diferente dos outros – eu sou como qualquer aluno da rua ((cidade)) mesmo. Pra mim, a roça é um lugar que vai estar sempre comigo, porque eu nasci lá, né? Mas, mesmo na roça, eu tenho contato com outras coisas de outros lugares. Eu ando por outros lugar. Minha maneira de ser, de vestir, de falar hoje já tá bem mudada da forma totalmente da roça que eu tinha antes, pois hoje já conheço outros lugar e já é outro tempo.

Eu tô no terceiro ano desde 2004, é porque eu fui casado duas vezes e agora, sempre que eu casava, eu brigava largava e tinha que sair da região, dá um tempo. Eu casei primeiro com dezesseis anos; com dezoito, eu larguei, casei de novo, aí larguei de novo. E agora estou noivo, tenho dezoito anos, já fui casado duas vezes e agora tô noivo e devo ter filho aí pelo mundo. Esse ano não sei se eu termino, porque depende da minha vida, do trabalho na roça... agora sem meu pai... dos *reggaes*, do noivado.

Eu aprendi muitas coisa com meus pais: hoje o que eu sei na minha vida com a roça foi tudo meus pais que me ensinou. Eu não vejo diferença do que a gente aprende na escola e com os pais, tudo tem importância pra alguma coisa. Agora tem também outros conhecimentos da roça, da tradição da roça que a gente também vai mudando, evoluindo né, professora? A gente aprende em outros lugares, com outras pessoas, além do meu pai. Eu quero manter o conhecimento do meu pai, a tradição dele. É CLARO! Não posso deixar os ensinamentos dele e de minha mãe-madrasta também, mas a gente é novo e tem outras idéia, de outras pessoas que a gente vive, mais evoluído, sabe? Com computador mesmo, eu sei entrar na internet: sei ver um bocado de sites... participava da comunidade do *orkut*, mas nunca eu entrei lá e fechou. No banco, eu resolvo tudo: depósito, tiro. Eu acho que eu sou evoluído, moderno porque só entrar na internet eu acho que é evoluído pra quem nasceu e se criou na roça.

Hoje eu ainda moro na Gitirana, dez quilômetro daqui de Serrolândia; venho e volto no carro dos estudantes. Chego lá doze horas da noite; ele pega na porta, antigamente não, mas hoje vem e volta. Trabalho na roça, tiro leite, depois eu vou trabalhar na roça lá... dar o dia lá no duro pra ganhar. Minha mãe me paga a diária como um trabalhador; se eu trabalhar o dia, eu recebo; se eu não trabalhar, eu não recebo. Minha experiência com o trabalho é que eu já trabalhei na fábrica de bolsa. Sei operar umas máquinas e todo trabalho de roça. Na roça, o que eu mais gosto é tirar leite, rancar toco, plantar feijão, milho, tudo eu sei fazer na roça, chapiar cavalo, fazer parto em vaca... tudinho.

Teve um dia que eu fui fazer um parto de uma vaca sozinho e eu quase não consegui puxar o bezerro por conta do peso dele; foi o primeiro parto que fiz, tinha base de quinze anos. Eu aprendi olhando e com meu pai também que a gente tem que ter muito cuidado no parto, tem que lavar as mãos bem, passar sabão nas mãos pra botar a mão dentro pra tirar, eu aprendi tudo com meu pai. A gente sabe logo que tá na hora do parto da vaca porque ela fica levantando e deitando e o bezerro não sai, acontece às vezes que vem só uma mão, ela fica incomodada demais; a gestação dela é de nove meses, igual a mulher. Quando o ubre dela começa a encher, a gente já sabe que já tá pertinho... a vaca faz o parto sozinho, no caso, é quando engancha o bezerro que a gente tem que fazer, eu já ajudei a tirar. Depois que a gente tira o bezerro, acontece que a vaca tá desgastada e fica lá deitada, e a gente pega o bezerro, limpa ele todinho e assopra no nariz dele que acontece que vem sem ar porque já demorou muito e ele vem, isso acontece mais no caso de novilha que nunca pariu. Aí o bezerro vai passar um hora, mais ou menos, sem mamar porque ele levanta molinho e demora um tempo

pra ele endurecer um pouco. Eu já fiz o parto de porca também; a diferença é que a porca pare um monte de vez: sai dois, vai saindo, vai saindo; e ela tem as mesma coisa da vaca pra dizer que tá incomodada.

Eu já plantei muita coisa também na roça: feijão, milho, mandioca é o que mais a gente planta. Eu sei me localizar na roça sem relógio através do sol e da sombra. Eu aprendi também muita coisa, assim quando o sol tá no meio do céu, eu sei que é meio-dia e vou embora pra casa pra almoçar. E na sombra da casa também dá pra saber, assim na varanda, no lugar onde a sombra tiver dá pra saber o horário. Nós lá participa da comunidade da Gitirana, da igreja Católica, eu ajudo na liturgia, mas de associação, sindicato não.

Hoje, depois dos lugares que eu já passei, eu sei desde tirar leite de vaca no curral até entrar na internet. Eu acho que eu sou evoluído, moderno porque só entrar na internet eu acho que é evoluído pra quem nasceu e se criou na roça.

Eu gosto de empinar moto, fazer rali. Eu faço lá na roça mesmo, na região toda aqui. Na moto, é coisa mais profissional; a gente vai gravar um DVD: eu e meus amigos que empina aqui da região. A gente vai gravar o DVD, fazer umas cópias e dar pros amigos. O rali é que pula rampa, mas a gente faz mais é empinar, fazer RL. Eu tenho uma moto 150. Eu sou muito evoluído pra roça, professora. Até celular eu tenho! Hoje ir pro colégio sem o celular é mesmo que deixar o caderno, as canetas... tenho que levar, faz parte. Eu gosto também de montar a cavalo, participar de vaquejada, montar em rodeio, tirar leite de vaca, andar pela roça, tomar banho no tanque, já fiz de tudo na roça.

O computador também eu sei usar tudo. Comecei o curso, mas não terminei porque eu vim embora de Feira. Mas eu vou sempre na *lan house,msn*, participo do *orkut* e quando eu vou em Feira, minha irmã tem computador e eu gosto e uso, mas em casa eu não tenho ainda. A maior cidade que eu conheço hoje é Salvador; eu sei me virar lá, em Feira, aqui em Serrolândia, em qualquer lugar. A cidade não é problema, tudo tranqüilo.

Meus planos pro futuro é morar sempre na roça mesmo, não sair de lá nunca, morar até o final da vida de minha mãe. Até minha noiva é de lá mesmo. Eu tenho vontade de me formar. esse ano mesmo, eu pretendo me formar, não desistir. Se tudo der certo, eu vou embora continuar meus estudos, fazer faculdade em Feira, fazer Direito. Vai depender do que

acontecer, minha vida tá um pouco complicada, porque eu também penso em ficar na roça, mas vai depender da minha mãe, do meu casamento, mas... hum... não sei direito ainda do meu futuro, não sei o que vai acontecer.



Foto 04 - Marcelo, na fazenda Gitirana, em 15/07/07.